

Na superfície da pele, cultura brasileira: Pinturas corporais indígenas das etnias pernambucanas

On the surface of the skin, Brazilian culture: Indigenous body paintings of Pernambuco ethnic groups.

Andayra França Timóteo
Camila Brito de Vasconcelos

grafismos; indígena; design; pinturas; cultura.

Os indígenas no Brasil buscam preservar sua cultura e identidade, que foram afetadas pela colonização europeia ao longo do tempo. Este trabalho aborda as pinturas corporais indígenas como um elemento cultural marcante, focando nas 9 etnias localizadas em Pernambuco. O objetivo é destacar a resistência histórica de cada etnia, suas contribuições para o design e as características específicas das pinturas corporais. Além disso, pretende-se criar grafismos a partir de registros fotográficos dos indígenas pernambucanos, preservando essa memória gráfica e promovendo futuras pesquisas no campo do design.

graphic designs; indigenous; design; paintings; culture

Indigenous peoples in Brazil strive to preserve their culture and identity, which have been impacted by European colonization over time. This work focuses on indigenous body paintings as a significant cultural element, specifically highlighting the 9 ethnic groups located in Pernambuco. The aim is to shed light on the historical resistance of each ethnic group, their contributions to design, and the unique characteristics of their body paintings. Additionally, the project intends to create graphic designs based on photographic records of the indigenous people from Pernambuco, preserving this visual memory and fostering future research in the field of design.

1 Introdução

Este estudo tem como foco principal a análise da opressão histórica enfrentada pelos povos indígenas em Pernambuco, abrangendo desde o período da colonização até os dias atuais. Busca-se compreender as diversas formas de opressão, como invasão territorial e perseguição, que essas comunidades indígenas têm enfrentado ao longo de sua existência. Nesse contexto, destaca-se a importância de preservar as tradições culturais desses povos, com ênfase especial nas pinturas corporais, uma manifestação artística rica e significativa.

O objetivo central deste estudo é desenvolver uma metodologia que permita a representação gráfica das pinturas corporais indígenas por meio de um projeto de design. Para isso, pretende-se realizar um amplo inventário dessas pinturas, utilizando registros fotográficos como base de referência. A partir desse inventário, serão selecionados grafismos representativos, que serão vetorizados de forma a preservar a autenticidade e os elementos simbólicos e espirituais presentes nas pinturas, de acordo com as crenças de cada povo indígena. A valorização dessas expressões artísticas indígenas não apenas contribuirá para a valorização de sua cultura e história, mas também abrirá caminhos para futuras pesquisas e apreciação desse rico patrimônio cultural.

2 Metodologia

A metodologia desta pesquisa se classifica como pesquisa aplicada, uma vez que os conceitos são aplicados em um projeto de design. Quanto ao objetivo, é uma pesquisa descritiva, pois apresenta definições sobre a temática principal. A abordagem do problema é qualitativa, pois valoriza não apenas os dados, mas também o significado do seu conteúdo, sem foco quantitativo.

Os procedimentos metodológicos utilizam o método dedutivo, observando a realidade das etnias indígenas pernambucanas. O tema central da pesquisa abrange as pinturas corporais, as etnias indígenas pernambucanas e os grafismos, limitando-se geograficamente ao estado de Pernambuco, em 2022, com foco nas 9 etnias indígenas Xukurú do Ororubá, Fulni-ô, Atikun Umã, Truká, Pankararú, Tuxá, Pipipã, Kambiwá e Kapinawá. No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, a pesquisa de campo e a pesquisa participante serão utilizadas como técnicas, considerando que a pesquisadora é também indígena da etnia Xukuru do Ororubá.

A amostragem consiste em registros fotográficos das pinturas corporais indígenas das 9 etnias pernambucanas. Os instrumentos de coleta de dados incluem entrevistas não estruturadas, registros fotográficos e fontes bibliográficas.

Para o desenvolvimento do projeto, é escolhida a metodologia de design baseada no método adaptado em cinco fases convergidas de Bruno Munari (1998). As etapas originais são adaptadas e reunidas em: definição do problema e seus componentes, coleta de dados e análise, criação, experimentação e materiais, verificação e testes, solução e detalhes construtivos.

Em resumo, o projeto final consiste na vetorização dos grafismos das pinturas corporais, que serão disponibilizados para diversas aplicações, contribuindo para a preservação e resistência dos povos indígenas de Pernambuco.

3 Pigmento em pele indígena: história, expressão e legado cultural

3.1 Da história

As etnias indígenas em Pernambuco e em todo o Brasil possuem características únicas em diversos aspectos, desde os simbolismos representados visualmente até o modo como vivem e lutam por seus direitos. A invasão e exploração do solo brasileiro ao longo dos séculos causaram transformações radicais nos povos originários. Muitas etnias foram escravizadas, mortas e excluídas, resultando na perda de sua identidade e humanidade. As que sobreviveram, enfrentam pressões, preconceitos, ameaças e repressões, levando ao desaparecimento gradual de seus costumes e cultura. Dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde revelam os danos que os indígenas continuam sofrendo até os dias atuais.

O percentual de indígenas assassinados no Brasil saltou 22% ao longo de uma década, considerando o intervalo entre 2009 e 2019. Ao todo, 2.074 vidas indígenas compõem a estatística, revelada nesta terça (31) pelo Atlas da Violência 2021[...] Os especialistas afirmam que os assassinatos de indígenas saltaram de 15 para 18,3 para cada 100 mil habitantes. (BRASIL DE FATO, 2021)

Os povos indígenas no Brasil são frequentemente estereotipados como detentores de uma suposta sabedoria ancestral e em harmonia com a natureza. Esse idealismo valoriza a preservação das comunidades indígenas, restringindo sua exposição a influências externas, como ideologias, ciência e concepções estéticas da sociedade dominante. No entanto, essa abordagem impede a integração de avanços tecnológicos e acesso à educação de qualidade nas aldeias indígenas do país. A visão de manter as terras indígenas "intactas" como um museu vivo limita o progresso, aprendizado e desenvolvimento das próprias comunidades indígenas, relegando-as a um estado de objeto de estudo e perpetuando estereótipos enraizados. Essa perspectiva injusta reflete as históricas injustiças e violações de direitos enfrentadas pelos povos indígenas no passado, resultando em sua contínua luta pela preservação da identidade e reivindicação de direitos

Considera-se neste texto que essas transformações vividas por indígenas brasileiros não apagaram os traços étnicos que unem socialmente os grupos indígenas. As formas específicas de organização social estão presentes em elementos que dão unidade inter e intra étnica de diversas expressões da cultura do trabalho, organização econômica, social e vivências espirituais.

Mesmo com as más transformações vindas do ambiente externo, os grupos étnicos ainda conseguem se reunir e aos poucos lutar contra tudo isso. De forma que muitas marcas e características vindas dos povos indígenas fazem parte do cotidiano brasileiro, aspectos esses que romperam a bolha da etnia, e das aldeias e se fizeram presentes na culinária, no artesanato, na forma de preservação ao ambiente ou até no idioma brasileiro, como esse trabalho tratará brevemente.

3.2 Da expressão

A pintura corporal indígena é uma prática cultural ancestral, enraizada na vida dos povos indígenas pré-coloniais. Ela desempenha um papel fundamental na preservação da identidade e expressão dessas comunidades, permitindo a comunicação de sentimentos e conceitos por meio de elementos como urucum, jenipapo, coco babaçu e pigmentos minerais. Essa forma de manifestação transcende os limites étnicos, alcançando outros grupos sociais.

A ideia de "arte" entre os povos indígenas é algo totalmente diferente do que é concebido no ocidente, "uma espécie de artigo de luxo, algo pra nos deleitar em museus e exposições, ou uma coisa muito especial para usar como preciosa decoração [...]" (Ernst, 2012, p.39) Daiara Tukano, artista indígena do povo Tukano (Amazonas) explica acerca desse assunto que em sua língua Dahseyé não existe uma palavra que traduza "arte", mas que as manifestações artísticas são atreladas naturalmente ao cotidiano indígena sem a necessidade de uma especificidade ou separação entre dia a dia e arte. Ailton Krenak Líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor diz ainda que não percebe a separação entre viver e fazer dentro das ideias dos povos originários, e acrescenta: "todo mundo que eu conheço dança, canta, pinta, desenha, esculpe, faz tudo isso que o Ocidente atribui a uma categoria de gente, que são os artistas" (Ailton, 2016, p. 182) compartilhando da mesma ideia que Daiara.

As pinturas indígenas também desempenham um importante papel na identificação étnica, já que cada grupo étnico desenvolve suas próprias pinturas corporais, homenageando, expressando desejos ou destacando características locais. Cada comunidade possui pinturas distintas, com significados únicos, que não são imitadas. Essas pinturas são utilizadas pelos indígenas para se prepararem para batalhas, lamentar a perda de guerreiros, celebrar nascimentos e conectar-se com sua ancestralidade. Infelizmente, ao longo dos séculos, esses aspectos culturais foram apagados pelas adversidades enfrentadas por esses povos. E atualmente, ao observar o artista indígena contemporâneo Jaider, e fazer de suas obras objeto de estudo, o autor Paulo Thadeu entende que "O que o artista Jaider Esbell procura em suas obras é dialogar com o "sistema" e, ao mesmo tempo, fazer suas críticas [...]" de modo que a arte para o povo indígena tem mais um motivo pra ser manifestada.

3.3 Do legado cultural

A influência indígena na sociedade contemporânea abrange áreas como culinária, arquitetura, artesanato, religião, idioma e moda. O patrimônio indígena é tanto material quanto imaterial. Reduzir os povos indígenas a uma noção simplista de sua cultura, baseada apenas em aspectos materiais, é equivocado. Hoje em dia, muitos ainda subestimam a complexidade da cultura indígena, considerando-a ultrapassada e obsoleta, associada a tecnologias primitivas. No entanto, o legado imaterial dos indígenas abrange seus conhecimentos, transmissão cultural, rituais como o toré, músicas, saberes medicinais, estruturação da sociedade e outras manifestações artísticas, todas essas ligadas à ciência e às necessidades cotidianas. As pinturas indígenas são reconhecidas como patrimônio imaterial da cultura brasileira e pernambucana, refletindo a intangibilidade e o conhecimento associados à sua elaboração, pigmentos, materiais e a pesquisa envolvida.

4 Desenvolvimento

A partir desta seção pretende-se demonstrar como se estabeleceu a adequação da metodologia de projeto conforme método adaptado em cinco fases convergidas, de Bruno Munari (1998) para o desenvolvimento e realização dos objetivos gerais e específicos definidos anteriormente. As 5 etapas adaptadas deste método são: 1. Definição do problema e seus componentes; 2. Coleta de dados e análise; 3. Criação, experimentação e materiais; 4. Verificação e testes; 5. Solução e detalhes construtivos.

4.1 Definição do problema e seus componentes

O design apresentado neste memorial de projeto, visa representar graficamente as pinturas corporais utilizadas no dia a dia dos povos indígenas pernambucanos. Em virtude da extinção de muitos povos indígenas brasileiros, a falta de registros como fotografias, desenhos, e ícones, levou à extinção também da historicidade desses povos, causando uma lacuna nos anais da nacionalidade. Visto que atualmente ainda não há elementos visuais das etnias que resistem, para uso, consulta, ou registro histórico, foi identificada a necessidade de representá-los dessa forma.

As pinturas corporais são uma importante característica dentro de cada etnia, cada uma com sua simbologia, serão apresentadas neste trabalho, de forma que possam difundir o conhecimento sobre esses povos e perpetuar esses traços culturais. Sobre os requisitos para a seleção das pinturas e a elaboração dos grafismos, foram escolhidas para cada povo uma pintura que é utilizada pelos homens das aldeias, e uma outra utilizada pelas mulheres. Caso algum dos povos indígenas não apresente alguma dessas opções, as pinturas para o rosto devem substituir.

4.2 Coleta de dados e análise

A seguir estão os dados coletados sobre o contexto histórico, geográfico, religioso e cultural de cada etnia, seguido de imagens que exemplificam as pinturas corporais e os momentos em que estas estão presentes.

4.2.1 Xukuru do Ororubá

A tribo indígena Xukuru do Ororubá está localizada na Serra do Ororubá, no município de Pesqueira, em Pernambuco. Atualmente, é liderada pelo Cacique Marquinhos, filho do antigo Cacique Xikão. Registros coloniais do século XVI já mencionavam a presença do povo Xukuru do Ororubá nessa região. O conflito entre fazendeiros e políticos locais sempre foi intenso, atingindo seu auge em 1989 durante o processo de demarcação de terras. Nessa época, o líder máximo das aldeias, Cacique Xikão, e outros indígenas foram assassinados numa tentativa de impedir que os Xukuru reivindicassesem seus direitos territoriais.

Os Xukurus se comunicam apenas em português, mas possuem um vocabulário com mais de 800 palavras provenientes do tronco linguístico Brobó e Macrogê. A perda do idioma nativo ocorreu principalmente devido à proibição imposta pelos colonizadores portugueses durante a ocupação. Atualmente, os Xukurus dependem principalmente da agricultura e da criação de animais para subsistência. Muitos indígenas não vivem mais na reserva, sendo que dois bairros da cidade são predominantemente habitados por eles.

A reserva Xukuru do Ororubá abrange 24 aldeias e abriga mais de 10.536 indígenas. A reserva possui escolas, unidades de saúde e áreas consideradas sagradas. Para os Xukurus, as pinturas corporais representam força e espiritualidade. Durante festividades religiosas e manifestações por seus direitos, os homens da tribo pintam seus corpos utilizando principalmente urucum e jenipapo, além de usarem colares, cocares e barretinas feitas de palha.

Figuras 1, 2 e 3 respectivamente do Povo Xukuru do Ororubá:



Geral da Capitania de Pernambuco" (1906) a quantidade de indígenas dessa etnia, que viviam na aldeia da Ribeira do Panema, caiu pela metade, devido a uma epidemia na época. Os Fulniôs são o único povo que conseguiu preservar seu dialeto, o lá-tê, e permanecem com seu ritual sagrado e tradicional, Ouricuri até os dias de hoje. Durante o período do Ouricuri no fim de agosto, os indígenas que moram longe, ou fora das aldeias, retornam para o local sagrado para se conectar, e passarem alguns meses no evento.

Durante a celebração é proibido manter relações sexuais no território sagrado. Também não é permitido se embriagar com bebidas alcoólicas, ouvir música e até assobiar. Os indígenas, são orientados a não relatar o que ocorre na cerimônia, sendo possível sofrer graves consequências caso exponham como é feito os rituais. Um dos principais requisitos para participar do ritual do Ouricuri é ter entrado no mesmo desde muito novo. Caso não tenha participado, o indígena perde o direito de estar nesse ritual e não é considerado mais da linhagem do povo Fulni-ô.

Figuras 4, 5 e 6 respectivamente do Povo Fulniô:

4- Fonte: Instagram @fenekya_fulnio (2022) Grande Guerreiro Makairy Fulni-ô

5- Fonte: Instagram @etnia_Etnia (2022) Comitiva Fulniô

6- Fonte: Instagram @fakho_fulniô (2022) Amanhã temos uma linda cerimônia: o chamado da floresta.



4.2.3 Atikun

O povo Atikun-Umã está dividido em vinte aldeias, localizadas na Serra do Umã, no município de Carnaubeira e outros municípios como Carnaubeira da Penha, Orocó e Salgueiro, que totaliza mais de 53 aldeias, sendo mais da metade do território, não demarcado. Antes do ano de 1940 não é encontrado nenhum registro escrito sobre o povo Atikun, mas sim sobre um grupo denominado Umã. O primeiro registro encontrado sobre os Atikuns, ainda Umã, foi por volta de 1696, relatando que viviam pelos vales do Rio São Francisco. Em 1940 os nativos da serra do Umã andavam insatisfeitos com a cobrança da prefeitura do município de Floresta acerca de impostos pelo uso das terras para cultivo. Reuniram-se e procuraram em Recife o Sistema de Proteção aos Índios (SPI) para serem reconhecidos como indígenas descendentes do povo Umã.

Para terem sua filiação comprovada, o SPI solicitou uma prova visual, através de algum ritual, ou costume indígena. Naquela época, ainda despreparados, pediram para que o povo Tuxá lhes ensinassem a dançar toré. Na visita de um inspetor do SPI, ele pode ver as danças com músicas e nomeou-lhes oficialmente o povo Atikun-Umã. São falantes apenas da língua portuguesa e conseguem lembrar de pouquíssimos vocábulos remetentes à natureza, de um idioma ancestral. O povo Atikun atualmente ainda luta pela demarcação total de suas terras.

Figuras 7, 8 e 9 respectivamente do Povo Atikun:

7- Fonte: Povos Indígenas do Brasil (2021) Foto: Museu do Índio

8- Fonte: Vogue (2020) Larissa Sá se defende. Reprodução/Instagram

9- Fonte: Povos Indígenas do Brasil (2021) Foto: Museu do Índio



Francisco e patrimônio da Comarca Municipal. Somente em 2002, a terra foi oficialmente delimitada, passando a pertencer ao povo Truká. Sob a liderança do cacique Bertinho, os Trukás dedicam-se atualmente à preservação de sua ancestralidade e cultura, enfrentando desafios como a influência da igreja evangélica, que representa um obstáculo para a manutenção de seus costumes. Além disso, o solo Truká apresenta problemas, pois foi exaustivamente cultivado desde a década de 70 com uma planta chamada algaroba, que sufoca o crescimento de outras espécies, resultando em 40% do solo

Truká improdutivo até os dias atuais. Conforme expresso por Dena Truká: "O governo estadual nos entregou um solo morto, a sucata da terra com a herança das ovelhas e das algarobas".

Figuras 10, 11 e 12 respectivamente do Povo Truká:

10- Fonte: Instagram @truka_insta (2022) Guerreiras de força, sempre presentes dentro do movimento indígena.

11- Fonte: Instagram @truka_insta (2019) Grande jovem Guerreiro do povo Truká.

12- Fonte: Instagram @truka_insta (2019) No Reino da Assunção, Reina os Truká.



4.2.5 *Pankararú*

O povo Pankararu reside no sertão pernambucano, nos municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu. Assim como outras etnias indígenas do Nordeste do Brasil, eles enfrentaram séculos de colonização e a influência da igreja católica, que tentou modificar suas tradições, incluindo as pinturas corporais. No entanto, os jovens Pankararus estão resgatando as pinturas originais aos poucos.

Uma das pinturas mais antigas e originais do povo Pankararu é aquela que simboliza proteção à mente e ao intelecto. Anteriormente, consistia em dois círculos como um escudo, mas foi alterada pela igreja católica para se tornar uma cruz representando Jesus e o perdão pelos pecados. Após a independência do Brasil, os indígenas reinterpretaram a cruz como um ícone de resistência, e atualmente é possível encontrar os Pankararus usando ambos os tipos de pintura facial. O pigmento mais utilizado por eles é a tauá, uma argila branca encontrada em seu território.

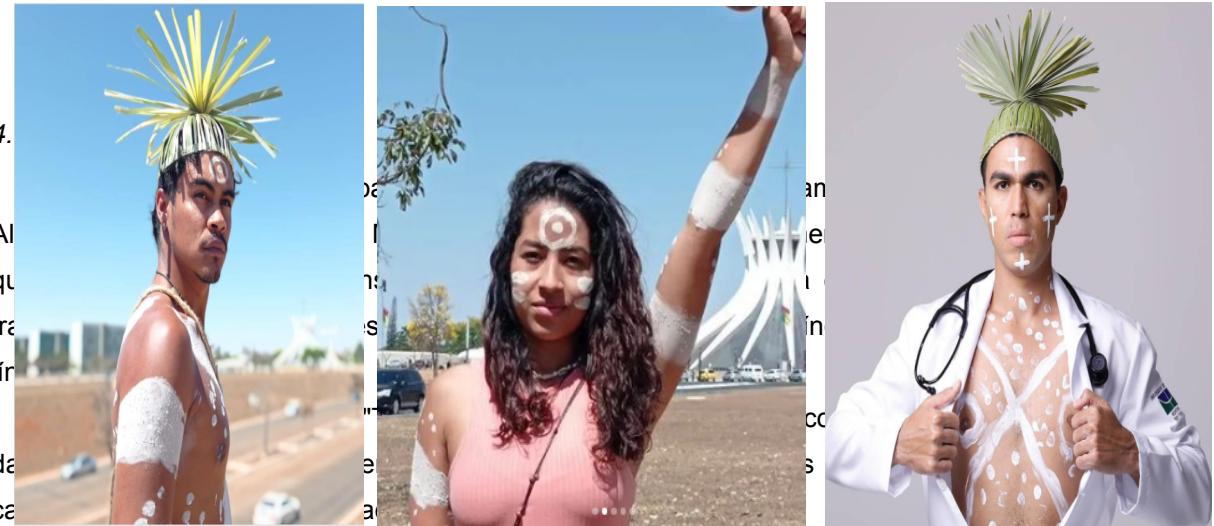
O sistema ritual dos Pankararu inclui o toré, que é subdividido em personagens culturais, como os Encantados, os Praiás, os pais dos Praiás e os dançadores. Os Encantados são entidades divinas que se manifestam e escolhem um indivíduo para receber sua "semente". Os Praiás são a união tangível do Encantado e do dançador, representados por roupas e máscaras feitas de palha de Ouricuri ou croá. Os homens escolhidos devem ser fisicamente fortes e ter resistência, pois o toré é uma dança intensa que envolve horas de movimentos sob roupas de palha pesadas.

Figuras 13, 14 e 15 respectivamente do Povo Pankararu:

13- Fonte: Instagram @fykyapankararu (2021) Resistindo para existir.

14- Fonte: Instagram @povopankararu (2021) Pankararu se fortalece mais a cada jovem que soma força na caminhada!

15- Fonte: Instagram @aislanpankararu (2021) "Você não pode deixar o professor de bioquímica descobrir que você é indígena, se não ele vai te perseguir"



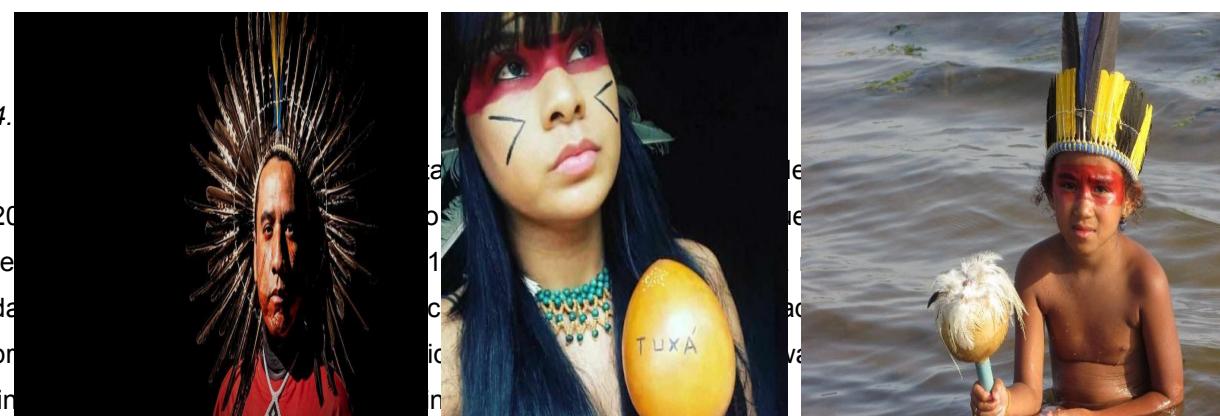
Atualmente, se dedicam à pesca e à agricultura comercial, ainda lutando pela preservação de sua cultura e pelos direitos sobre suas terras. Em 2017, fizeram uma autodemarcação em uma área próxima ao Rio São Francisco, acampando lá. No entanto, em 2021, enfrentaram ameaças do Estado em relação à remoção de seu território tradicional em Rodelas, Bahia.

Figuras 16, 17 e 18 respectivamente do Povo Tuxá:

16- Fonte: Fumaça.pt (2021)

17- Fonte: Uol (2021) Aline Pajeú, pajé do povo Tuxá, em Inajá (Sertão)

18- Fonte: Facebook @Aldeia Tuxá De Itacuruba Pernambuco (2018) Índia Tuxá Campos



também é limitada, encontrando apenas um exemplo de grafismo durante a pesquisa.

Figuras 19, 20 e 21 respectivamente do Povo Pipipá:

19- Fonte: Instagram @povo_pipipa (2019) ATL 2019

20- Fonte: Brasil de Fato, 2022

21- Fonte: Instagram @povo_pipipa (2017) Pipipá no #acampamento_terra livre



4.2.8 *Kambiwá*

O povo Kambiwá reside em três municípios de Pernambuco, incluindo Floresta, e o termo "Kambiwá" significa "Retorno a Serra Negra", referindo-se às terras tradicionais de seus antepassados. A demarcação de suas terras ocorreu em 1978, após uma luta que começou em 1968, mas ainda é questionada e sujeita a revisões judiciais. Devido ao terreno arenoso em grande parte de seu território, eles dependem principalmente da agricultura de subsistência, com plantações e criação de animais apenas para consumo local. O artesanato produzido pelos Kambiwá, como bolsas, tapetes e cestos, utiliza materiais como a palha do Oricuri e a fibra de Caroá, sendo feito principalmente por mulheres. Assim como outras etnias indígenas do Nordeste, eles realizam o ritual do toré, usando indumentárias como maracas feitas de coité e outros elementos de palha. Além do toré, eles também realizam o ritual do Praiá, exclusivo para os homens, preservando a religiosidade, ancestralidade e o consumo da jurema. Foram encontradas poucas informações sobre suas pinturas corporais.

Figura 22, do Povo Kambiwá:
22- Fonte: Instagram @avelinkambiwa (2022) Showme[...]



4.2.9 *Kapinawá*

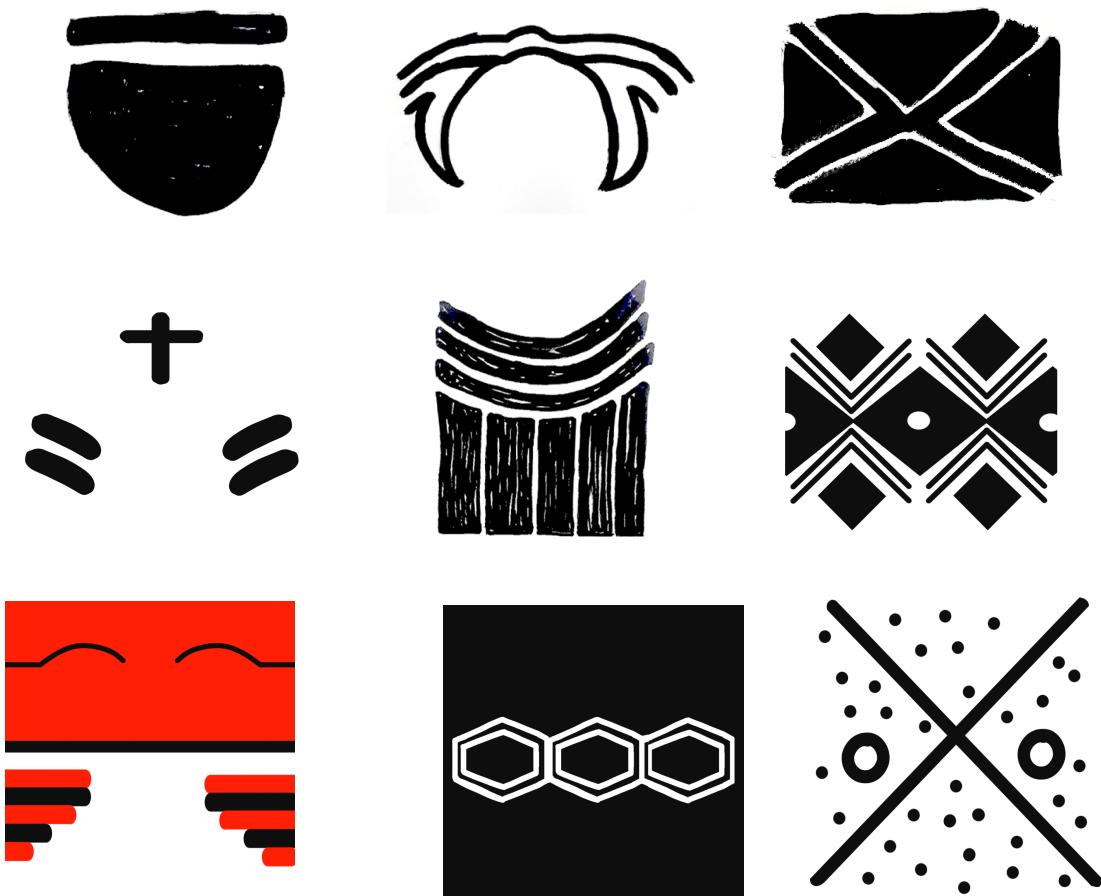
O povo Kapinawá se considera descendente dos primeiros habitantes da Serra do Macaco. Por muito tempo, eles não foram reconhecidos legalmente como indígenas, mas ocupavam terras férteis entre o agreste e o sertão de Pernambuco. Para garantir seus direitos, organizaram o movimento "cortes de arame" contra invasões de fazendeiros e posseiros. Em 1970, buscaram demarcar suas terras diante da pressão dos latifundiários. Embora tenham conseguido recuperar parte de suas terras, enfrentaram conflitos internos e externos. O toré é o evento mais importante para eles, onde bebem o vinho Anjucá e celebram vitórias. Os Kapinawá participam de lutas pela demarcação de terras, se opõem ao marco temporal e buscam preservar sua história indígena em Pernambuco.

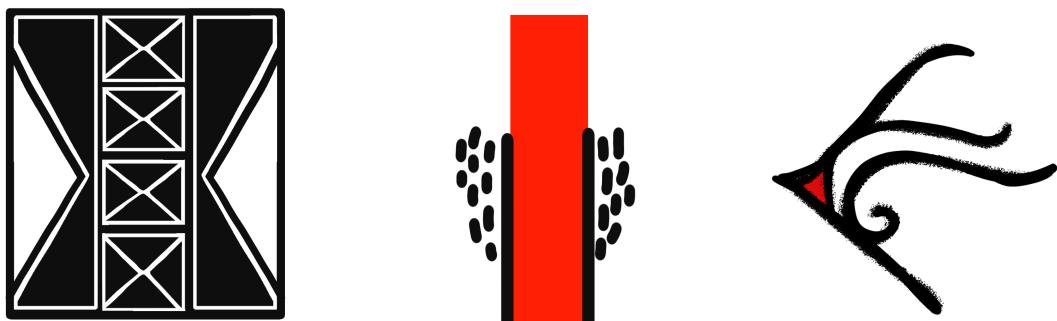
Figuras 23, 24 e 25 respectivamente do Povo Kapinawá:
23- Fonte: Instagram @povo_kapinawa (2020) #JuventudeKapinawá
24- Fonte: Acervo pessoal (2020)
25- Fonte: Facebook @JuntasCodeputadas (2022)



aproveitados somente para experimentações de cores, formas e tamanhos. As pinturas mais geométricas foram criadas diretamente no computador, aproveitando as facilidades oferecidas pelas ferramentas digitais, como simetria e repetição.

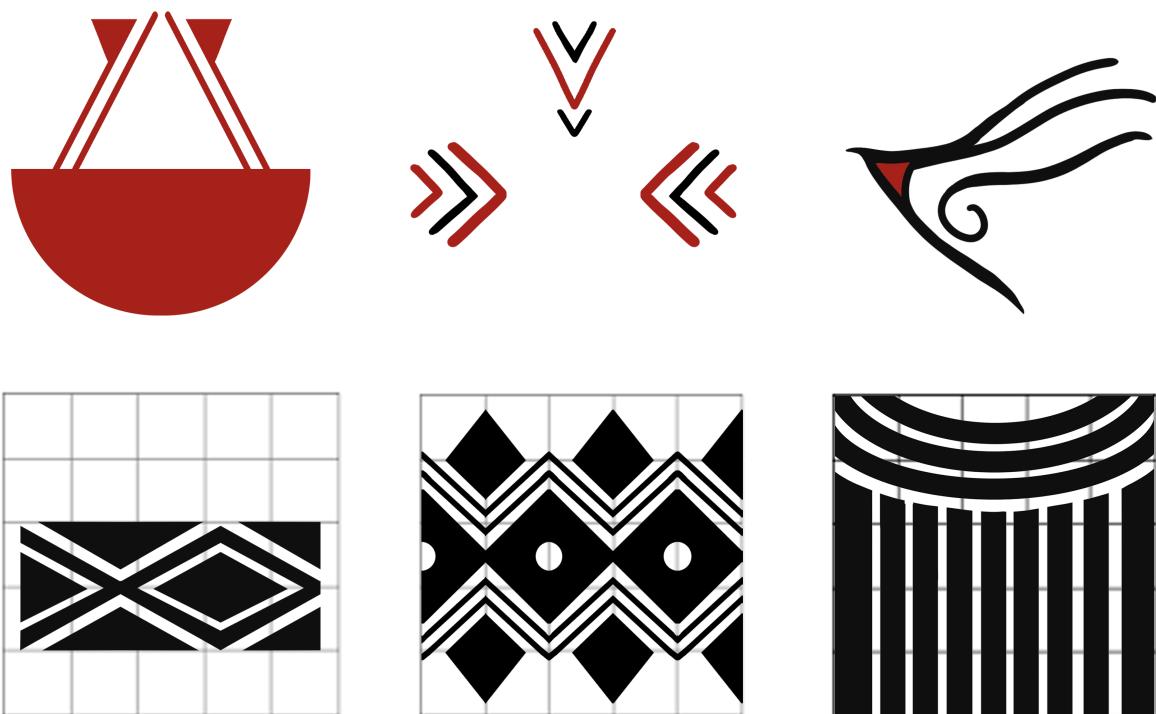
25- Primeiras experimentações e reproduções digitais das pinturas indígenas

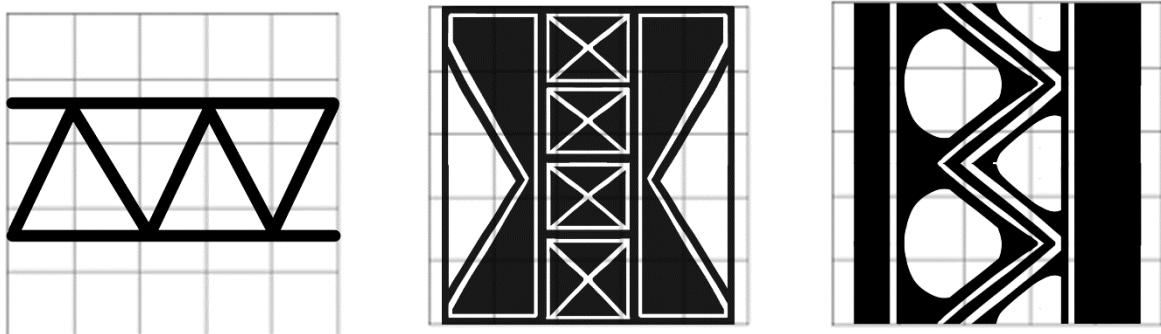




Estes foram feitos no software gráfico Photoshop CC 2019 da Adobe, com apoio de um grid simples (5x5: 1000px x 1000px) e vetorizados no software Illustrator CC 2015, um editor de imagens vetoriais também da Adobe. O grid de apoio serviu para nortear algumas linhas e traçados das pinturas, mas não foi a ferramenta mais importante neste processo, visto que as pinturas corporais são geralmente feitas com auxílio de palitos, pequenos galhos, e até mesmo com os dedos, além de serem aplicadas em diversas partes do corpo, seguindo a curvatura natural da pele. Dessa maneira, os grafismos nem sempre são simétricos, como os do rosto por exemplo e buscam, mesmo que desenhados digitalmente, uma proximidade maior com a realidade

26- Realização das pinturas sem grid e com grid simples.





Os grafismos para o corpo: braços, pernas e tronco masculino tendem a ser mais simétricos e, por isso foi possível utilizar o grid como nos exemplos acima. Na tabela a seguir mostra todos os resultados desenvolvidos a partir dos registros fotográficos selecionados. Além dos resultados imagéticos, foram recolhidas informações a partir de entrevistas semi-estruturadas com indígenas de cada etnia, acerca dos significados, usos e locais de aplicação das pinturas. Não foi possível coletar informações das etnias Fulni-ô, Atikun, e Tuxá por não encontrar pessoas que pudessem relatar sobre. Tabela desenvolvida com as pinturas corporais indígenas escolhas através dos registros fotográficos apresentados

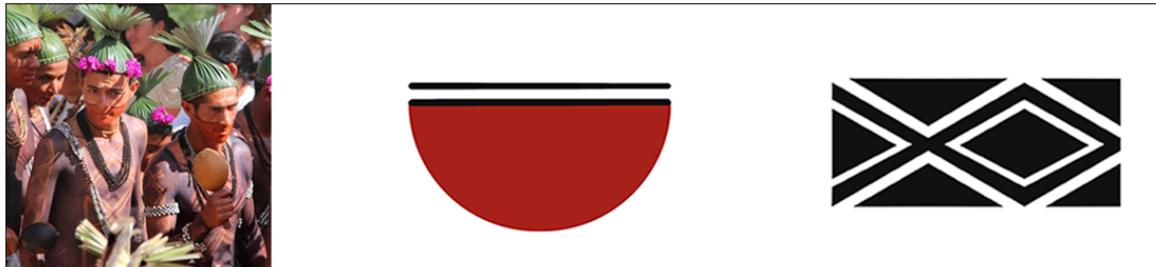
27-Resultados finais dos grafismos vetorizados e compilados na tabela com os seus significados de acordo com cada povo e crença.

Etnia Xukurú do Ororubá Uso: geral Local: braços Significado: pele da cascavel, força.	Etnia Xukurú do Ororubá Uso: geral Local: rosto Significado: ir à luta	Etnia Fulniô Uso: masculino Local: tronco Significado:	Etnia Fulniô Uso: feminino Local: rosto Significado:
Etnia Atikun Umã Uso: geral Local: braço Significado:	Etnia Atikun Umã Uso: feminino Local: rosto Significado:	Etnia Truká Uso: masculino Local: rosto Significado: força e coragem	Etnia Truká Uso: feminino Local: braço Significado: maretas do Rio São Francisco
Etnia Pankararu Uso: geral Local: punho Significado: proteção (modificado pela igreja católica)	Etnia Pankararu Uso: feminino Local: rosto Significado: proteção ao feminino	Etnia Tuxá Uso: masculino Local: rosto Significado:	Etnia Tuxá Uso: feminino Local: rosto Significado:
Etnia Pipipã Uso: masculino Local: rosto Significado:	Etnia Kambiwá Uso: feminino Local: rosto Significado: conexão com a mata	Etnia Kapinawá Uso: masculino Local: tronco Significado: linha do tempo/ proteção durante as lutas	Etnia Kapinawá Uso: geral Local: braço Significado: força da cobra e da natureza

4.3.1 Fotografias referenciais de cada etnia e os grafismos desenvolvidos a partir das mesmas

Xukuru do Ororubá

28-Fotografia do povo Xukuru e os grafismos desenvolvidos.



Fulni-ô

29-Fotografias do povo Fulni-ô e os grafismos desenvolvidos.



Atikun

30-Fotografias do povo Atikun e os grafismos desenvolvidos.



Truká

31-Fotografias do povo Truká e os grafismos desenvolvidos.



Pankararú

32-Fotografias do povo Pankararú e os grafismos desenvolvidos.



Tuxá

33-Fotografias do povo Tuxá e os grafismos desenvolvidos.



Pipipá Kambiwá

34-Fotografias do povo Pipipá e Kambiwá com os grafismos desenvolvidos.



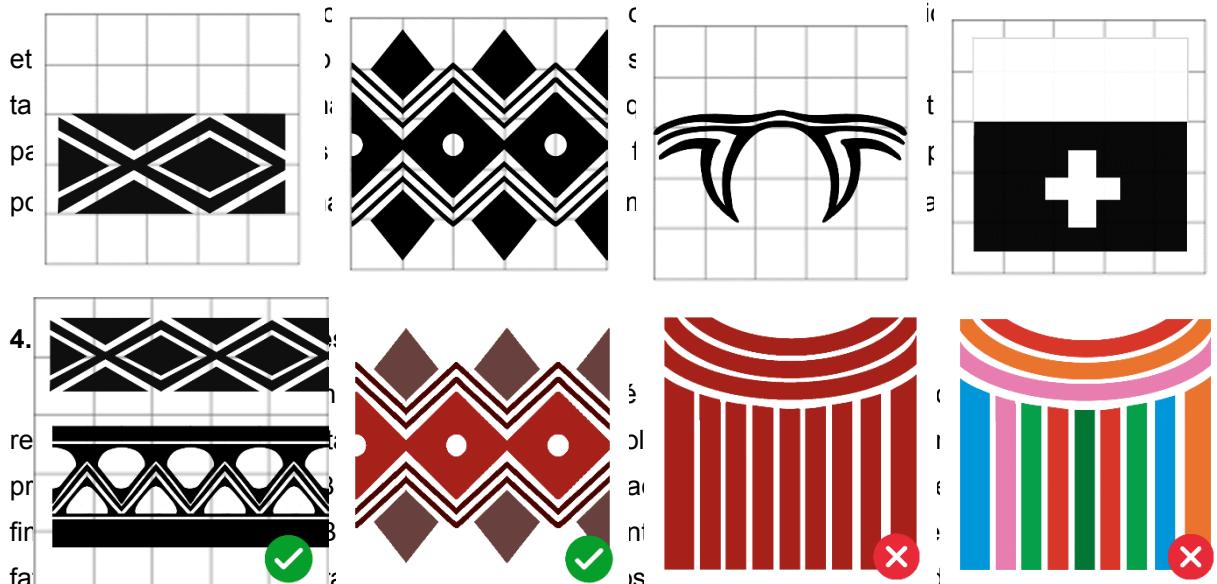
Kapinawá

35-Fotografias do povo Kapinawá e os grafismos desenvolvidos.



4.4 Verificação e testes

36- Imagens para a etapa de verificação e testes.

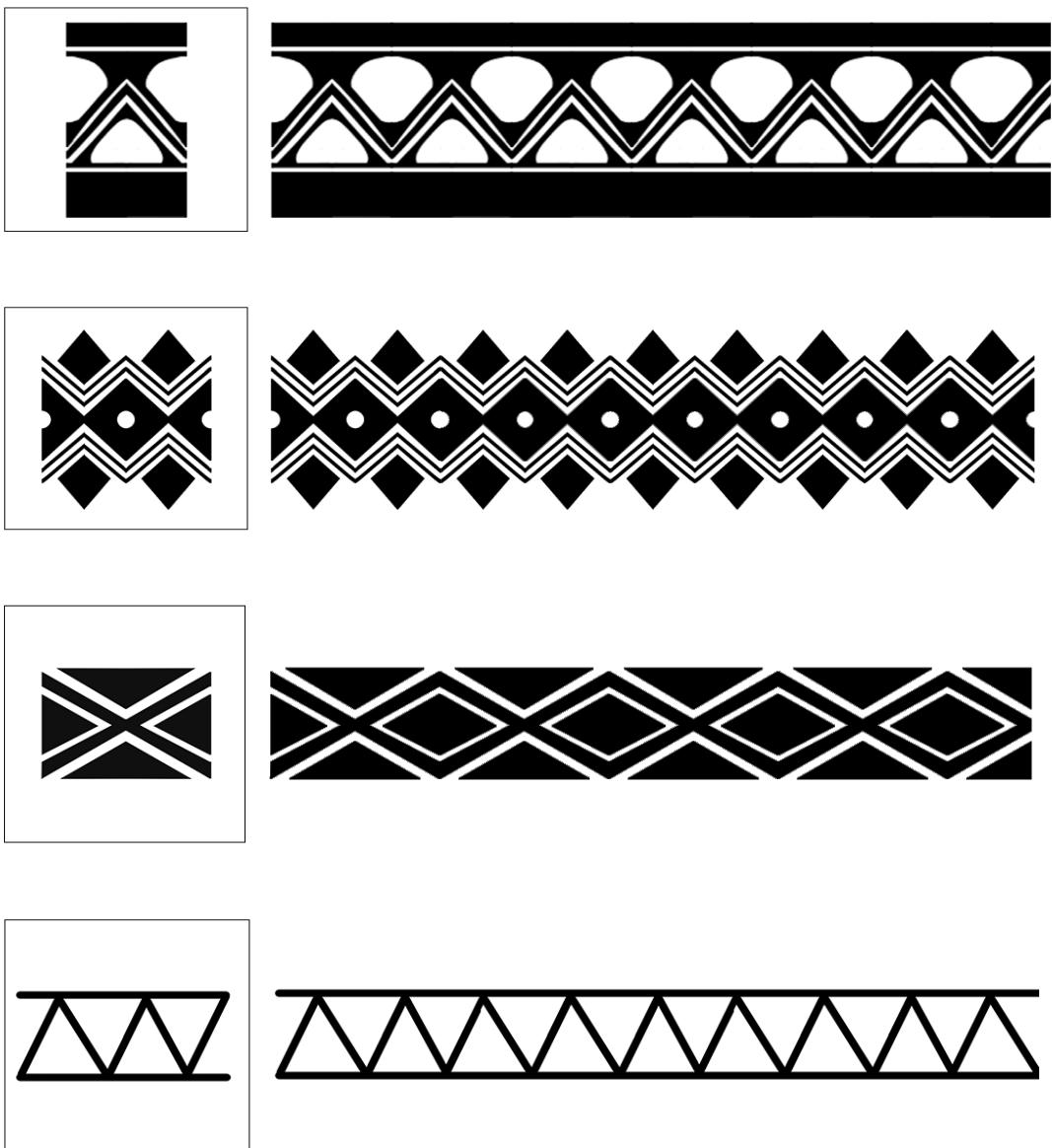


devem ser consideradas.

As possíveis aplicações gráficas ou manuais precisam seguir a mesma linha de contraste entre as cores, respeitando a finalidade e representatividade de cada uma delas. Isso não isenta a utilização de outras cores se necessário, mas orienta que paletas totalmente vermelhas, brancas e com mais de dois tons que não foram apresentados devem ser evitadas, já paletas monocromáticas podem ser melhor empregadas nesse caso.

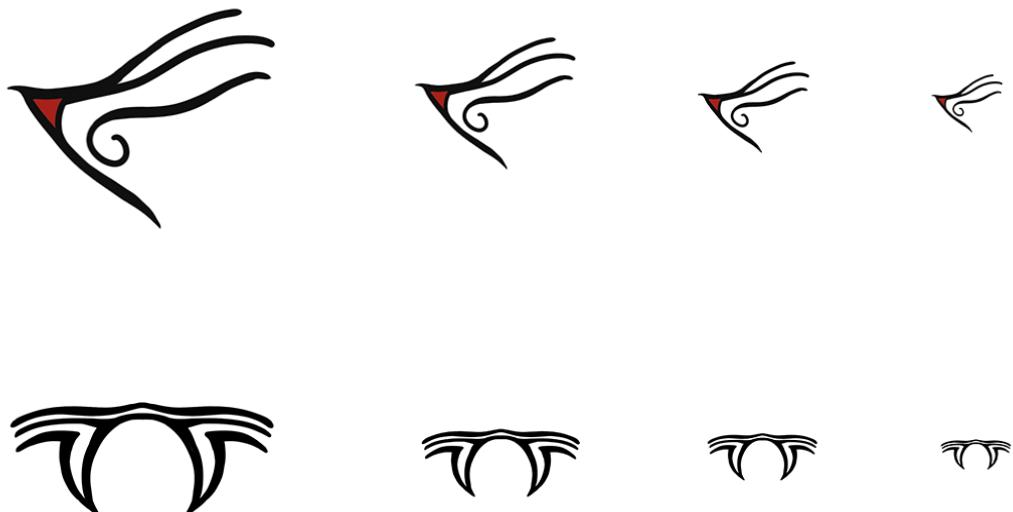
Rapport é um termo francês que significa “relação” e é usado para denominar um desenho em repetição. Para os membros superiores e inferiores é possível e recomendada a realização dos grafismos que formam um padrão horizontal, a partir do rapport principal como nas imagens abaixo.

37- Imagens para etapa de solução e detalhes construtivos.



O menor tamanho para meios digitais é de 500px x 500px. Para meios impressos, o menor tamanho para utilizá-los da melhor forma é de 2cm x 2cm. Por serem ícones vetorizados, o maior tamanho para impressão é indefinido, podendo ser utilizado tanto para cartões de visita, quanto para outdoors, grandes fachadas etc.

38- Imagens para a etapa de solução e detalhes construtivos.



5 Considerações finais

A escassez de documentos sobre as pinturas corporais indígenas das etnias pernambucanas revela a necessidade de preservar e difundir esse importante aspecto cultural, que tem sido apagado ao longo da história do Brasil. Este estudo teve como objetivo elaborar grafismos baseados no inventário das pinturas corporais indígenas, buscando registrar traços culturais significativos. A contextualização de cada etnia permitiu atribuir sentido espiritual, geográfico ou histórico às pinturas. Entrevistas com indígenas nativos contribuíram com informações específicas sobre o uso e os simbolismos das pinturas corporais. A pergunta de como representar as pinturas em grafismos foi respondida por meio da coleta de dados, apresentando significados e criando um inventário fotográfico. Foram selecionadas algumas pinturas de cada etnia e elaborados os grafismos correspondentes. A banalização e deturpação das temáticas indígenas exigem um esforço em desconstruir narrativas falsas e respeitar a realidade indígena. Resgatar a memória gráfica das pinturas corporais contribui para o reconhecimento e a continuidade das etnias indígenas pernambucanas. Este trabalho é o primeiro a reunir os grafismos das pinturas corporais indígenas de Pernambuco, e sua importância se estende a futuras pesquisas sobre o assunto. Preservar essa memória é manter viva a cultura indígena e contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Ana Luisa B. Lustosa; ROSSATO, Jaqueline; PEREIRA, Francisco A. Fialho; PERASSI, Richard Luis de Souza (2013). A iconografia em comunidades indígenas. *Projética*. <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/16043/30627>

CARVALHO, Artur Ricardo Pereira. (2013). Grafismo Indígena: Compreendendo a representação abstrata na pintura corporal Asurini. Ricardoartur. <https://www.ricardoartur.com.br/GrafismoIndigena.pdf>

FENEKYA, fulnio. Grande Guerreiro Makairy Fulni-ô. (2022). Instagram: @fenekya_fulnio. <https://www.instagram.com/p/CYOjo7irMEe/>, Ceará.

FULNIO, Etnia. (2022). Comitiva Fulniô! Instagram: @etnia_fulnio. <https://www.instagram.com/p/CbqjzEpLVk3/>, Águas Belas.

FULNIO, Fakho. (2021). Amanhã temos uma linda cerimônia: o chamado da floresta. Instagram: @fakho_fulnio. <https://www.instagram.com/p/CXtMUFhLXPe/>, Caeté-Açú.

GOMBRICH, E.H. A História da Arte. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTD, 2012, p.39

KRENAK, A. As alianças afetivas. Entrevista a Pedro Cesarino. In: BIENAL SÃO PAULO. Incerteza Viva. Dias de estudo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016, pp.182.

PANKARARU, Aislan. (2021). “Você não pode deixar o professor de bioquímica descobrir que você é indígena se não ele vai te perseguir”. Instagram: @aislanpankararu. [https://www.instagram.com/p/CR8r_MVr-V-/, Petrolândia](https://www.instagram.com/p/CR8r_MVr-V-/)

PANKARARU, Fykyá. (2021). Resistindo para existir. Instagram: @fykyapankararu. [https://www.instagram.com/p/CS9qk7tn38i/, Brasília](https://www.instagram.com/p/CS9qk7tn38i/).

PANKARARU, Povo. (2021). Pankararu se fortalece mais a cada jovem que soma força na caminhada! Instagram: @povopankararu. [https://www.instagram.com/p/CS9lNVir21w/, Brasília](https://www.instagram.com/p/CS9lNVir21w/).

PATRIMÔNIOS DE PERNAMBUCO: MATERIAIS E IMATERIAIS 2A EDIÇÃO. ISSUU. Disponível em: https://issuu.com/echeverriama/docs/publica__o_patrim_nios_de_pernambuco2

POVO INDÍGENA DA BACIA: OS TUXÁ. CBHSF. Disponível em: <https://2017.cbhsaofrancisco.org.br/2017/povo-indigena-da-bacia-os-tuxa/>

PIPIPÃ, Povo. ATL 2019. (2019). Instagram: @povo_pipipa. [https://www.instagram.com/p/Bwun49_g2_o/, Brasília](https://www.instagram.com/p/Bwun49_g2_o/).

PIPIPÃ, Povo. (2017). Pipipã no #acampamento_ terra livre. Instagram: @ povo_pipipa. [https://www.instagram.com/p/BT7jglkAo11/, Brasília](https://www.instagram.com/p/BT7jglkAo11/).

RODRIGUES, Thaisa Figueira. (2017). Um olhar do Design sobre a iconografia indígena. A ornamentação corporal kayapó: um estudo de caso. Docplayer.
<http://docplayer.com.br/45017869-Um-olhar-do-design-sobre-a-iconografia-indigena-a.html>

SAMPAIO, Cristiane. (2021). Atlas da Violência 2021: assassinatos de indígenas aumentam 22% em dez anos. Brasil de fato.
<https://www.brasildefato.com.br/2021/08/31/atlas-da-violencia-2021-assassinatos-de-indigenas-aumentam-22-em-dez-anos>

SANTOS, Andeson Cleomar dos. (2022). [Pinturas alteradas pela igreja católica]. WhatsApp. 7 set. 2022. 11h55. 1 mensagem de voz no WhatsApp

SILVA, Elisângela C. de Araújo. (2018). Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira. Scielo. <https://www.scielo.br/j/sssoc/arX5FhPH8hjdLS5P3536xgxf/?lang=pt&format=pdf>

TRUKÁ, Junior. (2019). Grande jovem Guerreiro do povo Truká, que sempre está na luta representando a juventude indígena do seu povo. Instagram: @truka_aldeia.
<https://www.instagram.com/p/B3egn2WFPcr/>, Ilha da Assunção.

TRUKÁ, Thiago. (2019). No Reino da Assunção, Reina os Truká. Instagram: @truka_insta.
<https://www.instagram.com/p/B4JKev3liAz/>, Ilha da Assunção.

VASCONCELOS, Julia; TAHYRINE, Yialê. (2022). Conheça os Pipipã, etnia quase extinta em Pernambuco que luta pela demarcação da Serra Negra. Brasil de Fato.
<https://www.brasildefatope.com.br/2022/03/03/conheca-os-pipipa-etnia-quase-extinta-em-pernambuco-que-luta-pela-demarcacao-da-serra-negra>

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Andayra França Timóteo, Graduanda, UFPE, Brasil <andayra.timoteo@ufpe.br>

Camila Brito Vasconcelos, Dra., UFPE, Brasil <camila.bvasconcelos@ufpe.br>